

Desafios Globais da Sociedade de Informação

Pekka Himanen

Objectivo deste Artigo

Este artigo olha para os sérios desafios com que nos deparamos na sociedade da informação. Alguns deles agudizar-se-ão por volta de 2010, mas todos eles requerem uma acção rápida, se lhes quisermos responder com sucesso. Quando a versão original deste documento foi escrita, foi dada particular ênfase à situação na Finlândia, e na Europa. Esta perspectiva permanece nesta versão revista do artigo, até certo ponto, apesar de a maior parte dos desafios serem globais.

A sociedade da informação é, no contexto deste artigo, entendida no sentido lato da palavra (como nos estudos teóricos de Manuel Castells e de Pekka Himanen; ver Castells e Himanen 2002; para informação adicional, ver Castells 2000a, 2000b, 2004).

De uma perspectiva teórica, o conceito-chave inclui uma organização em rede e o crescimento baseado na inovação. A economia da informação assenta no crescimento da produtividade baseado na inovação, ao contrário da chamada «nova economia». Diversos estudos têm mostrado que, ao longo dos últimos anos o crescimento tem sido gerado cada vez mais, pelas inovações tecnológicas combinadas com organizações em rede (Sichel 1997; Jorgenson e Stiroh 2000; Jorgenson e Yip 2000; Brynjolfs-son e Hitt 2000; Castells 2001; Koski *et al.*, 2002).

As redes têm-se tornado cada vez mais comuns e o papel da inovação está a crescer, também no mercado de trabalho. Usando o vocabulário de Robert Reich's, os trabalhos de produção rotineira estão a decrescer enquanto que a importância do trabalho analítico-simbólico e serviço personalizado, está a aumentar (Reich 1991; para mudanças no mercado de trabalho, ver também Carnoy 2000; Benner 2002). No vocabulário de Richard Florida, os conceitos de trabalho criativo e de serviços, estão perto do trabalho simbólico-analítico e serviço personalizado (Florida 2002). Os trabalhos criativos/simbólico-analíticos são especificamente baseados na resolução criativa de problemas (ou na criação de novos problemas). Contudo, o papel da componente criativa é também enfatizado em trabalhos baseados na interacção. A criatividade tem que ser entendida em sentido lato: enquanto que a criatividade é uma componente essencial de certos trabalhos que nos ocorrem de imediato, como artistas, investigadores ou engenheiros, ela também é requerida, por exemplo, na interacção entre pessoas e trabalhos que envolvem competências manuais.

Este artigo, chega à conclusão que o aspecto mais crítico no desenvolvimento da sociedade da informação, é o desenvolvimento de estruturas enraizadas na sociedade, às quais temos que prestar uma atenção dedicada (cf. Castells e Himanen 2002). A

agenda da sociedade da informação não é o mesmo que uma *rede de informações* ou que um *programa da Internet*. O desenvolvimento da tecnologia, apenas ajudará, quando combinado com mudanças nas estruturas subjacentes. Como a expressão «sociedade da informação», usualmente, nos faz lembrar assuntos técnicos (ao nível da superfície), eu gostaria de sublinhar que a abordagem usada neste artigo é baseada na necessidade de modificar as estruturas profundas. E por isso, os tópicos que têm uma natureza sobretudo técnica, por mais importantes que sejam, permanecem fora do espaço deste artigo: exemplos como conexões de banda larga (e.g. bibliotecas públicas como pontos de acesso à rede) e segurança da informação (e.g. vírus, *spam*, protecção da privacidade).

Este artigo, não pretende prever o futuro. A sua linha cronológica, abarca tendências que já estão a ocorrer (até 2010) e às quais temos de reagir hoje, se lhes queremos responder com sucesso.

Este artigo, refere-se a áreas sobre as quais é necessário agir. Não é no entanto, um plano prático de implementação. As acções aqui propostas formam uma entidade equilibrada: por exemplo, as sugestões relacionadas com uma economia criativa, requerem uma sociedade do bem-estar criativa, se se pretender um resultado equilibrado.

Tendências Globais

No desenvolvimento global da sociedade da informação, podemos identificar as 10 maiores tendências que já se encontram em forte progresso (Castells 2000a, 2000b, 2004; Himanen 2001, 2004b; Castells e Himanen 2002).

1. Aumento da competitividade internacional nos impostos
2. A nova divisão global do trabalho
3. Envelhecimento da população
4. Pressões crescentes na sociedade do bem-estar
5. A segunda fase da sociedade da informação
6. A ascensão das indústrias culturais
7. A ascensão das bioindústrias
8. Concentração regional
9. Uma divisão global mais profunda
10. A propagação de uma «cultura de emergência»

Estas tendências, podem ser descritas, da seguinte forma:

1. Aumento da Competitividade Internacional nos Impostos

Os países competem por investimentos e trabalho qualificado, através da redução de taxas de impostos.

2. A Nova Divisão Global do Trabalho

As produções de rotina, deslocam-se para países mais baratos (o «fenómeno da China»). A China e a Índia estão particularmente em ascensão, e outros países incluindo a Indonésia, Paquistão, Rússia e Brasil, estão a emergir. Os países mais desenvolvidos não podem depender dos trabalhos de rotina no futuro, e por isso, têm que se especializar no trabalho criativo, baseado num saber técnico especializado e no trabalho,

no sentido de melhorar a produtividade, através do aumento do valor acrescentado e do desenvolvimento de processos de produção.

Ao mesmo tempo, o papel dos países desenvolvidos no mercado global, é o de aumentar os mercados de oferta para produtos fornecidos pelos países em vias de desenvolvimento. Isto marca a próxima fase do crescimento económico.

3. Envelhecimento da População

O envelhecimento da população é uma das mais importantes tendências da Europa e de outras regiões. Nestes países, significa um deslocamento da «sociedade dos jovens», através da actual «sociedade de meia-idade» para a «sociedade dos pensionistas». Este deslocamento, ocorrerá em muitos países até ao ano 2010, altura pela qual a força de trabalho estará em agudo declínio.

4. Pressões Crescentes na Sociedade do Bem-Estar

O envelhecimento da população leva a problemas de financiamento do Estado Social, simultaneamente em consequência de um aumento das despesas directas e de uma ascensão do rácio de dependência. Ao mesmo tempo, uma maior competição global nos impostos e a nova divisão global do trabalho, aumentam as pressões sobre o Estado Social. O Estado Social só pode ser mantido no futuro se a sua produtividade aumentar através da inovação. O futuro do Estado Social é o Estado Social Criativo.

5. A Segunda Fase da Sociedade da Informação

A primeira fase da sociedade da informação focou-se no desenvolvimento da tecnologia, como as conexões de rede. Na segunda fase, que começou agora, o desenvolvimento tecnológico continuará, contudo, o enfoque deslocar-se-á para assuntos sociais mais abrangentes e será dada especial ênfase à mudança da forma como trabalhamos.

6. A Ascensão das Indústrias Culturais

A economia da informação, está a expandir-se particularmente no campo da cultura, incluindo a música, televisão, cinema, jogos de computador, literatura, *design* e materiais de aprendizagem. Este processo é afectado pela convergência tecnológica, i.e. a digitalização de conteúdos e a junção de tecnologias de informação com tecnologias de comunicação e media.

7. A Ascensão das Bioindústrias

A próxima fase da sociedade da informação será a ascensão das bioindústrias. A engenharia genética tornar-se-á outra chave da tecnologia, para além das TI. A medicina, a bio-tecnologia e a tecnologia do bem-estar são outros exemplos de campos emergentes. A importância destes sectores é aumentada pelo envelhecimento da população (por exemplo, a tecnologia geriátrica, i.e. a tecnologia que torna a vida mais fácil aos idosos).

8. Concentração Regional

Pela primeira vez na história, a taxa de urbanização mundial excedeu os 50%. Grandes concentrações de técnicos justificam a proporção crescente de inovações e economia, sendo que estar na linha da frente da competição global requer entidades maiores.

9. Uma Divisão Global mais Profunda

Se mantivermos o *business as usual*, a desigualdade e a marginalização continuarão a agravar-se, nacional e globalmente. Durante a primeira fase da sociedade de informação, i.e., desde os anos 60 até à viragem para o século XXI, a distância em termos de rendimentos entre os 20% mais pobres e os 20% mais ricos da população mundial, duplicou e é agora aproximadamente 75:1. Este desenvolvimento mantém-se, particularmente pelas distorções do comércio mundial e pela divisão do conhecimento entre países desenvolvidos e em vias de desenvolvimento. A situação só poderá melhorar consideravelmente, mudando as estruturas do comércio mundial e estabelecendo pontes no sentido de colmatar a divisão do conhecimento.

10. A Propagação de uma «Cultura de Emergência»

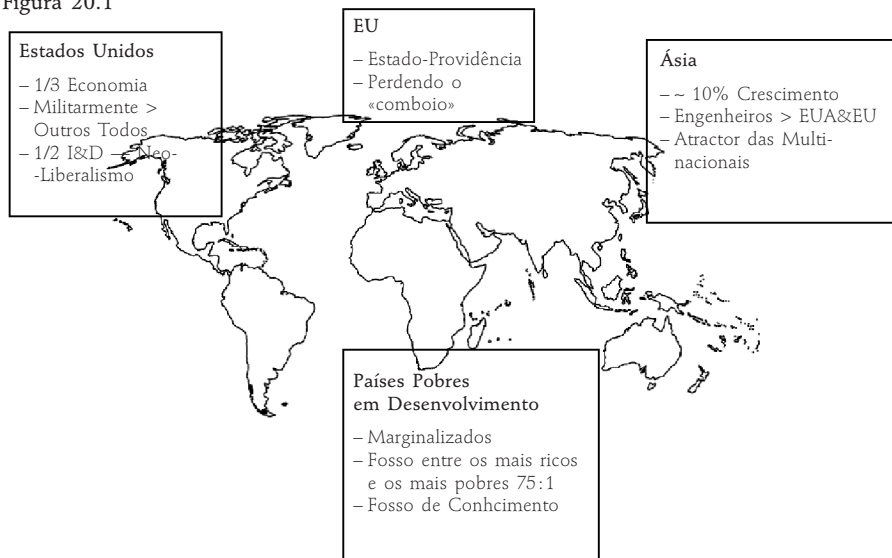
O ritmo de desenvolvimento está a acelerar, o que aumenta a volatilidade das economias e cria uma «cultura de emergência» nos locais de trabalho: aprofunda afastamentos sociais, aumenta as tensões, e estas são um combustível para uma cultura de emergência. Esta tendência é caracterizada pelo aumento da instabilidade. O desafio de um desenvolvimento sustentável humanamente, e em termos ambientais, tem um papel preponderante numa sociedade de risco como esta.

A lista das maiores tendências, apresentada acima, não pretende ser uma descrição exaustiva de todos os desenvolvimentos sociais importantes, mas é elaborada a partir de um aspecto limitado do desenvolvimento da sociedade da informação.

Cenários de Desenvolvimento

Se olharmos para este desenvolvimento de uma perspectiva geográfica, podemos dizer que a competição mais feroz é levada a cabo entre três regiões-líderes: os Estados Unidos, a Ásia e a Europa (ver figura 20.1, abaixo).

Figura 20.1



Numa escala global, a Europa está em desvantagem, enquanto que o modelo americano, está claramente em vantagem.

Os Estados Unidos são responsáveis por um terço da economia mundial e metade do trabalho de I&D efectuado no mundo e o seu orçamento militar é quase igual ao orçamento militar do resto do mundo. Muitos países asiáticos desenvolvem-se a uma taxa de 10% ao ano, e a produção global e os mercados estão a deslocar-se cada vez mais para a Ásia. Nas TI, por exemplo, por volta de 2010, metade dos semicondutores mundiais será consumida e um terço deles será produzido na Ásia (excluindo o Japão). Por exemplo, a China produz mais especialistas em ciência e tecnologia que a União Europeia ou os Estados Unidos (em 2000-2002: na China, 590 000; na União Europeia, 440 000; nos Estados Unidos, 385 000). Emergiu um mercado global para os especialistas, em que o desenvolvimento da Ásia representa um novo desafio para a Europa. O atraso da União Europeia, em relação aos Estados Unidos, em termos de atractividade das regiões para os especialistas, é claro.

Permitindo alguma simplificação, há três modelos especialmente dinâmicos em termos de tecnologia e economia, ainda que baseados em modelos sociais muito diferentes. Podem ser chamados pelos seguintes títulos (assumindo as representatividades que são mais frequentemente referidas; para mais informação, ver Castells e Himanen 2002; Himanen e Castells 2004b; Wong 2004):

1. O «Modelo e Silicon Valley», i.e. o modelo neoliberalista americano — o modelo predominante (Estados Unidos).
2. O «Modelo de Singapura», i.e. o modelo gerido pelo Estado asiático no qual o objectivo é atrair empresas multinacionais à região — um modelo emergente (também na China e na Índia).
3. O «Modelo Finlandês», i.e., uma combinação europeia da sociedade da informação e do Estado Social, que é representada na sua forma mais avançada, no caso da Finlândia.

Fora destas regiões e modelos, o *status* dos países desenvolvidos mais pobres, continua a enfraquecer. Por exemplo, muitos dos países africanos entre o Sahara e a África do Sul, estão a tornar-se paupérrimos. Um quinto da população mundial subsiste com menos de um dólar por dia e não tem acesso a cuidados de saúde ou educação. O aumento contínuo da divisão do conhecimento sublinha a crescente divisão no bem-estar.

Cada um dos modelos apresentados, tem actualmente problemas que se podem caracterizar com os seguintes cenários:

1. O modelo Silicon Valley refere-se ao cenário neoliberalista de «deixar os fracos para trás». Embora este cenário seja tecnológica e economicamente dinâmico, tem um custo social elevado. Por exemplo, a própria área do Silicon Valley produziu 60 milionários por dia no final da década de 90, mas eles tiveram que se deslocar para áreas residenciais cercadas, o que deixa alguns dos seus cidadãos marginalizados. É a sociedade do medo. Um quinto da população vive abaixo da linha de pobreza, não tem seguro de saúde e é constituído por analfabetos funcionais. Em Silicon Valley, as oportunidades de acesso à educação dependem da posição económica da família, portanto, emergiu uma classe de pessoas marginalizadas, para as quais o crime é a única forma de sobrevivência (particularmente a venda de narcóticos àqueles que foram bem suce-

didos). Paradoxalmente, a maior proporção de população prisional do mundo é na Califórnia, uma região-líder em termos de desenvolvimento! Para mais, mandar alguém para a prisão por um ano, é mais caro para a sociedade que mandar alguém estudar em Harvard! A adopção do modelo de Silicon Valley significaria um neoliberalismo selvagem.

2. O modelo de Singapura é baseado na competição dos impostos, i.e., «uma taxa mais baixa possível». Isto também tem sido um modelo dinâmico, apesar das limitações e problemas de competição que se tornaram, recentemente, evidentes. Assim, outros países podem reduzir mais as suas taxas de impostos por forma a atrair empresas multinacionais, a produção continua a deslocar-se para países mais e mais baratos. No caso de Singapura, houve empresas que se deslocaram, por exemplo, para a China ou para a Indonésia. O panorama a longo prazo não é bom, se a região não desenvolver especialistas locais adequados e inovadores, exactamente o que aconteceu no caso de Singapura. Se uma região quer competir a longo prazo, com sucesso, tem que ter competências inovadoras; não é suficiente que o Governo tome medidas para atrair empresas multinacionais. (o Modelo de Singapura, também está a ser paternalista, o que é outro problema: o governo tenta controlar a liberdade dos seus cidadãos, embora a sociedade da informação não possa ser criativa se as pessoas não tiverem livre acesso à informação e liberdade de pensamento. Isto é um grande paradoxo, também para a China, que idealiza o modelo de Singapura.

3. O terceiro cenário, i.e., a combinação europeia actual da sociedade da informação e do Estado Social, tem o perigo da «*mão morta da passividade*». De acordo com este cenário, as pessoas continuam a proteger todas as estruturas industriais do Estado Social, mas não reconhecem que o futuro do Estado Social só é possível se ele for reformado, com o mesmo tipo de inovação pela qual a economia da informação também passou. Na prática, a passividade conduz a uma situação em que as necessidades de bem-estar têm que ser mais e mais cortadas e a dinâmica da economia desvanece-se. As pessoas protegem os seus próprios interesses e invejam outras pessoas pelos benefícios que conseguiram. Isto também pode ser designado por a *sociedade da inveja*.

Felizmente, há um quarto cenário. É possível combinar o Estado Social e a sociedade da informação, também no futuro, se e apenas, se tivermos a coragem de rever apropriadamente este modelo. Consequentemente, sob as actuais circunstâncias, o Estado Social é mais bem defendido por aqueles que advogam a sua reforma através da inovação. A queda do Estado Social pode ser prevenida passando de uma política reactiva para uma política pró-activa: não nos devemos focar mais em reagir a algo que já aconteceu; em vez disso, devemos actuar de antemão e liderar corajosamente o caminho.

Os Valores da Reforma do Modelo Europeu

A lista seguinte, descreve os valores que podem servir de base à continuidade da combinação do Estado Social e da sociedade da informação. São versões actualizadas dos valores subjacentes ao Estado Social europeu e empreendedorismo inovador. Uma reforma de sucesso requer dos políticos, valores-base de gestão.

1. Preocupar-se
2. Confiança
3. Comunalidade

4. Encorajamento
5. Liberdade
6. Criatividade
7. Coragem
8. Visão
9. Equilíbrio
10. Significado

O conteúdo dos valores pode ser resumido como se segue:

1. Preocupar-se

Preocupar-se é o velho princípio de equidade (igualdade, na tradição de esclarecimento e justiça, do período clássico). Também pode ser chamado justo ou integração de todos. Preocupar-se significa que trabalhamos para criar igualdade de oportunidades para todos. Esta é a ideia-chave do Estado Social. No desenvolvimento global, significa que protegemos a igualdade de oportunidades de todas as pessoas no mundo. A palavra «preocupar» é usada propositadamente neste contexto, para enfatizar a responsabilidade de todos se interessarem pelas outras pessoas (na tradição cristã, este valor é conhecido como *caritas*). A ideia deste valor é o seguinte: «imagine uma situação semelhante à nossa, exceptuando que os nossos papéis estão invertidos».

2. Confiança

A confiança é, em parte, baseada na preocupação. No entanto, merece ser classificada como um valor de direito próprio. É também um fundamento do Estado Social. A confiança dá segurança e torna frutuosa a comunalidade. A falta de preocupação e de confiança cria uma atmosfera de medo.

3. Comunalidade

Comunalidade é o velho valor de fraternidade (a fraternidade do iluminismo). Significa abertura, sensação de pertença e vontade de integrar outras pessoas, no sentido de fazerem coisas juntas. Este valor é ainda, outro fundamento do Estado Social. Comunalidade é uma das experiências mais energizantes da vida — ser parte de uma comunidade que partilha os seus interesses. Significa viver junto.

4. Encorajamento

A realização da comunalidade é a pré-condição do encorajamento. O encorajamento refere-se a uma comunidade enriquecida cujos membros sentem que podem conseguir mais juntos, do que alguma vez conseguiriam sozinhos. Numa comunidade empobrecida, os indivíduos sentem que são menos do que poderiam ser. Encorajamento significa que se escolheu enriquecer, não empobrecer, outras pessoas quando se interage com elas. O encorajamento é actualmente uma forma de generosidade. Pode ser cristalizado como se segue: «não querer tirar nada a outras pessoas; em vez disso, trabalhar para tornar possível que todos tenham mais». As outras pessoas não devem ser consideradas como ameaças que têm de ser diminuídas; em vez disso, elas são oportunidades que podem tornar o mundo mais rico para todos nós. Isto não é um recurso escasso no mundo — há abundância para todos. A falta de comunalidade e encorajamento cria a atmosfera de inveja.

5. *Liberdade*

A liberdade é também um dos nossos valores de tradição. (a *Liberté* do Iluminismo). Inclui o direito à individualidade: a liberdade de expressão, a protecção da privacidade, a tolerância às diferenças. A liberdade pode ser cristalizada como se segue: «o que quer que os adultos façam da sua própria liberdade, estará sempre bem, desde que não firam outras pessoas».

6. *Criatividade*

A liberdade cria espaço para a criatividade, para a realização do seu potencial. A paixão criativa é uma das experiências mais energizantes da vida. A criatividade está relacionada com a necessidade humana de auto-realização e crescimento pessoal contínuo. Adquire formas diferentes com pessoas diferentes. As restrições à liberdade e criatividade criam uma atmosfera de controlo.

7. *Coragem*

A coragem é um valor e uma característica requerida de forma a realizar outros valores. Na tradição europeia, a coragem é considerada um dos valores cardinais, desde o período clássico.

8. *Visão*

Ter visão requer coragem e, da mesma forma que a coragem, é um valor que olha para o futuro. Na tradição europeia, pode ser vista como a continuação da esperança, um valor cristão. A visão cria conhecimento, a coragem de sonhar fazer deste mundo, um mundo melhor.

9. *Equilíbrio*

O equilíbrio é uma espécie de metavalor: refere-se ao equilíbrio entre os outros valores. Significa a sustentabilidade daquilo que fazemos. Desde o período clássico, este valor, também tem sido chamado temperança ou moderação.

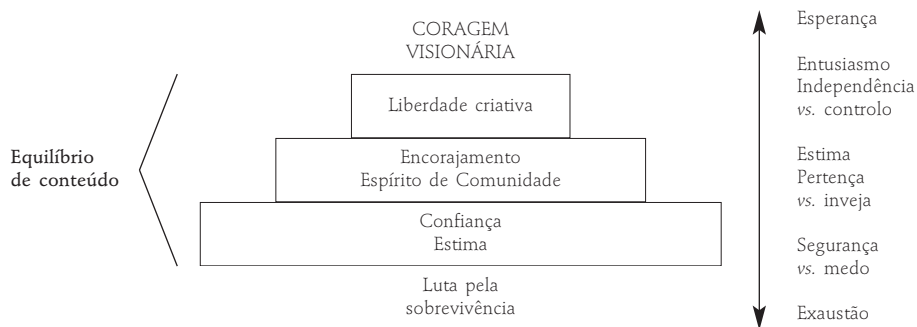
10. *Significado*

O significado é em parte baseado no equilíbrio e nos outros valores atrás descritos, ainda que este seja um valor por direito próprio. No fim, todos queremos que as nossas vidas tenham significado. Assim, o significado do desenvolvimento depende da extensão com que aquele promove valores intrínsecos, tais como os valores clássicos da sabedoria, do bem e da beleza. O significado pode ser cristalizado nesta questão: «Isto dará mais significado à minha vida?»

Os valores podem ser considerados de forma a darem à vida um significado e fazê-la valer a pena. Apesar dos valores acima mencionados, terem sido construídos na tradição europeia, também se podem encontrar noutras culturas (a tradição europeia é baseada em valores distribuídos em camadas, i.e. liberdade, fraternidade e igualdade; os valores cristãos de fé, esperança e amor; e os valores do período clássico, i.e. justiça, coragem, temperança e sabedoria — todos são valores que podem ser encontrados universalmente).

A importância destes dez valores pode ser descrita com a seguinte pirâmide, que é frequentemente referida na descrição das necessidades psicológicas humanas (e.g. Maslow 1954, 1962).

Figura 20.2 A pirâmide de valores de uma perspectiva psicológica



A descrição acima, enfatiza a preocupação e a confiança como as necessidades humanas básicas, que foram a fundação para as necessidades sociais de comunidade e encorajamento e as necessidades de liberdade e criatividade, que estão relacionadas com a auto-realização. A coragem e a visão são valores de cariz futuro, enquanto o equilíbrio e o significado asseguram que as nossas acções têm fundamento. As experiências psicológicas, listadas no lado direito da pirâmide, mostram que tanto se pode mover para cima, através do entusiasmo e esperança, como para baixo, através do controlo e da inveja para o medo e exaustão. (esta pirâmide pode ser usada para descrever não apenas a sociedade, mas também os seus vários sectores como a economia, política, trabalho, educação e pessoas individuais. Contudo, a ordem com que os factores estão listados e a forma da pirâmide, não deve ser interpretado de forma normativa na inter-relação entre os valores)

Conceitos-chave do Desenvolvimento Social

Na prática, se quisermos enfrentar a competição global implementando os cenários de desenvolvimento mencionados atrás, e adoptando os valores descritos, temos que ter em conta os seguintes conceitos-chave, relacionados com o desenvolvimento social:

1. economia criativa
2. sociedade do bem-estar criativa
3. desenvolvimento humanamente significativo
4. cultura global

A última parte deste artigo descreve o conteúdo destes conceitos e o seguimento de valores de base que têm de ser adoptados de forma a responder às tendências globais. A ênfase é largamente europeia, apesar de muitos dos assuntos serem mais abrangentes.

1. Uma Economia Criativa

Sob as pressões da competição internacional das taxas de impostos, e a nova divisão global do trabalho, os países desenvolvidos podem apenas confiar na técnica e na criatividade, já que os trabalhos e a produção de rotina não os ajudarão a competir com os mercados asiáticos baratos. Os países desenvolvidos, têm que reforçar a produtividade através da inovação: a criatividade tornará possível aumentar o valor acrescentado e melhorar a eficiência da produção.

Os países desenvolvidos têm que procurar activamente novas áreas de actividade económica onde a criatividade possa fazer a diferença. Apesar de os países desenvolvidos, não se deverem fixar apenas em certos campos, encontrarão um novo potencial na cultura e bem-estar, o maior sector emergente na segunda fase da sociedade da informação. Assim, a economia criativa pode ser fortalecida examinando as oportunidades do sector cultural (incluindo música, televisão, cinema, jogos de computador, literatura, *design* e materiais de aprendizagem) e o sector do bem-estar (inovações relacionadas com a reforma da sociedade do bem-estar, i.e, biotecnologia e geriatria que ajudam a que as pessoas idosas vivam com independência) para que se possam tornar em novos desafios para a economia criativa juntamente com o sector das TI. A interacção entre as TI, cultura e bem-estar, vai também gerar oportunidades completamente novas. Os sectores-chave de uma economia criativa podem ser vistos na figura 20.3.

Os dois novos sectores têm um vasto potencial. Por exemplo, o sector cultural gerou um negócio global de 1,1 mil milhões de dólares americanos em 1999. Este somatório foi distribuído pelos seguintes campos (os materiais de aprendizagem, que constituem um enorme negócio como este, não estão incluídos):

Quadro 20.1 Valor de negócios no sector cultural a nível global

	<i>Milhões dólares</i>
Publicidade	506
TV e rádio	195
Design	140
Brinquedos e jogos	72
Música	70
Filmes	57
Arquitectura	40
<i>Performing arts</i>	40
Moda	12
Arte	9

Fonte: Howkins 2001.

O sector do bem-estar, que inclui cuidados de saúde, medicina, etc., é um negócio ainda maior que continua em crescimento, por exemplo, por causa de novas invenções biotecnológicas e envelhecimento da população. A Europa pode alavancar o seu conhecimento técnico neste campo, por exemplo, nos cuidados de saúde pública, exportando-os para outras regiões.

Contudo, o sucesso nestas áreas, dentro da competição global, requer investimentos crescentes em actividades de I&D nacionais (financiamento da criatividade). Os países líderes vão investir brevemente quase 4,0% do seu PIB nestas áreas, portanto são necessárias decisões governamentais que sigam estas linhas, se pretendermos ser bem sucedidos na competição global num futuro próximo. A questão mais importante é a de saber como é que estes novos investimentos públicos são dirigidos: um financiamento adicional deve ser dirigido para os sectores cultural e do bem-estar.

O financiamento também deve estar dirigido para o desenvolvimento de modelos de negócio e de *marketing*. A Europa, por exemplo, tem problemas evidentes no final da corrente da inovação, e que estão abaixo representados (na prática, a inovação não progride de forma linear; os factores descritos na figura formam uma rede interactiva):

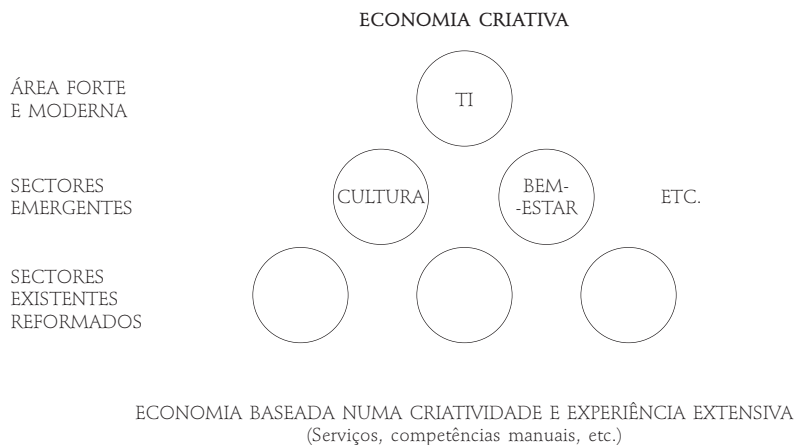


A Europa é inovadora em termos de produtos e de processos de produção, i.e, criatividade de ideias, mas menos criativa em termos de modelos de negócio e construção de marcas, i.e criatividade de negócio que ajude a transformar ideias em receitas. Consequentemente, é necessário financiamento por forma a promover a pesquisa e o desenvolvimento (incluindo a formação), relacionados com a criatividade dos negócios.

Richard Florida combinou a economia criativa com o conceito de classe criativa. De acordo com ele, esta classe em ascensão consiste em diversos tipos de pessoas, como investigadores, engenheiros, produtores de cinema, produtores de media, artistas, *designers*, arquitectos, médicos, professores, analistas, advogados e gestores. Na viragem do milénio, serão aproximadamente um terço da força de trabalho das economias mais avançadas (Florida 2002).

Contudo, não devemos confinar a economia criativa a uma só classe de profissões criativas, como Florida faz. Robert Reich mostrou que os trabalhos de «serviço pessoal» baseados na interacção, constituem outro grupo extenso de trabalhos na sociedade da informação, juntamente com os trabalhos «simbólico-analíticos», semelhantes aos mencionados por Florida. As profissões de serviços, de facto, formam um importante factor da economia. A criatividade da interacção tem, assim, sido vista como outra importante forma de criatividade, à qual temos que prestar atenção. O trabalho baseado na interacção também aumenta a produtividade, melhora a qualidade do trabalho e proporciona importantes oportunidades de emprego, mesmo para aqueles que têm um baixo nível académico.

Figura 20.3 Uma economia baseada numa criatividade extensiva e saber especializado



Aliás, temos de perceber a economia criativa, como uma ideia que penetra todos os sectores da economia. Sectores que tradicionalmente têm sido fortes, mantêm-se assim e até a sua produtividade pode ser melhorada através de algumas inovações. Competências tradicionalmente manuais também requerem criatividade. Os sectores acima descritos, são parte de uma economia que se baseia numa criatividade extensiva. Os sectores da economia criativa são mostrados na figura 20.3.

Condições Encorajadoras para o Trabalho

O sucesso do tipo de economia acima mencionada, na competição global, depende da forma como o sistema de contribuições e impostos encoraja este tipo de actividade. Se quisermos fazer face a estes desafios, o nosso sistema de impostos tem de promover um tipo de trabalho que contribua para um bem colectivo, isto é, os impostos têm de criar postos de trabalho, empreendedorismo e criatividade, e ainda a possibilidade de financiar o bem-estar da sociedade.

É essencial notar que o bem-estar da sociedade baseia-se nas receitas de impostos geradas pelo trabalho, não pela taxa de imposto. A receita de impostos pode ser gerada apenas se o sistema encorajar as pessoas a trabalhar. Embora a participação em competições pouco saudáveis de taxas de imposto, não ajude a manter o bem-estar do Estado, deve-se sublinhar o facto que taxas de impostos excessivas podem lesar o bem-estar do Estado.

A sociedade do bem-estar baseia-se nos conhecimentos mais especializados do mundo e no trabalho. O financiamento do Estado Social depende, primeiro e antes de mais, de atingir uma elevada taxa de emprego e na capacidade da sociedade associar inovação a expectativas positivas, através da aplicação de taxas de imposto que encorajem o trabalho. Isto tornará possível o financiamento do Estado Social no futuro. O sistema de taxaço que encoraje o trabalho, actua também como um incentivo a que os trabalhadores mais especializados permaneçam no seu país, e torna possível atrair trabalhadores especializados de outros países: isto, por sua vez, irá aliviar os problemas causados por um Estado Social sobrecarregado por uma população envelhecida.

A Cultura do Trabalho e da Gestão numa Sociedade Criativa

O Governo, obviamente, pode apenas trilhar o caminho para a criatividade, sendo que as decisões governamentais, por si só, não a criam. No entanto, é importante que o sistema encoraje a criatividade em vez de a restringir.

O mesmo se aplica ao contexto empresarial. Numa sociedade da informação, as empresas têm que criar espaços para a criatividade, através de uma cultura de gestão e de trabalho que a promova. (cf. Alahuhta e Himanen 2003, que descreve esta mudança, por exemplo da perspectiva da experiência da Nokya; Himanen 2001). A cultura do trabalho e a atmosfera envolvente são factores chave numa economia em que o crescimento é cada vez mais baseado na informação. Um número cada vez maior de empresas está a adoptar o princípio-chave da gestão, fixando objectivos ambiciosos que geram entusiasmo. Assuntos relacionados com a cultura do trabalho tornar-se-ão componentes competitivas importantes.

Existe uma diferença distinta entre a sociedade industrial e a sociedade da informação. Na sociedade industrial, o grosso do trabalho consistia em tarefas rotineiras e o resultado do trabalho dependia largamente do tempo investido no mesmo. As antigas éticas do trabalho, segundo as quais trabalhar era uma obrigação que sim-

plesmente tinha que ser cumprida, e o sofrimento endurecia o carácter, faziam sentido, no contexto económico, da era industrial. Na sociedade da informação, contudo, o trabalho depende cada vez mais da criatividade. Isto significa que a cultura do trabalho industrial se virou contra si mesma, também em termos económicos: se as pessoas acharem que o trabalho não é mais que uma miserável função e que o objectivo principal é o de cumprir ordens, não conseguem sentir paixão criativa relativamente ao seu emprego. No entanto, esta paixão, tornaria possível à empresa o contínuo melhoramento das suas condições, ao mesmo tempo que se mantém à frente da concorrência. A era industrial criou uma cultura de gestão baseada no tempo, que por sua vez era baseada no controlo, ao passo que a economia criativa requer uma cultura de gestão baseada na obtenção de resultados, e que crie um espaço para a criatividade individual.

Este desenvolvimento está ligado à hierarquia das motivações humanas, atrás apresentadas. O que quer que façamos, estaremos no nosso melhor, se formos passionais relativamente ao que estamos a fazer. A paixão evolui quando pensamos que somos capazes de um talento criativo único. Pessoas que têm esta relação passional com o seu emprego, têm acesso à fonte do seu poder interior, e sentem que estão para além do seu normal. As pessoas que sentem que o seu trabalho tem um significado, não se cansam do seu emprego; o trabalho enche-os de energia e alegria. Podemos assistir a este fenómeno, não apenas na vida executiva, mas também em qualquer actividade humana (desde a ciência à cultura): as pessoas podem atingir grandes resultados devido ao facto de sentirem que são capazes de atingir o nível esperado no seu emprego. Esta atribuição de sentido torna-os ainda mais energéticos e criativos. Uma atmosfera encorajadora estimula o bem-estar no emprego e satisfação no trabalho.

Na nossa economia em mudança, as pessoas trabalham cada vez mais em cooperação com outras, daí que os responsáveis tenham que ser capazes de criar comunidades enriquecedoras. Os responsáveis devem traçar objectivos ambiciosos para gerir um entusiasmo conjunto, i.e., têm de ser capazes de gerar interacção que enriqueça a comunidade de trabalho, ao invés de empobrecê-la. As competências interactivas traço componentes competitivas importantes.

Este desenvolvimento pode também estar ligado à pirâmide das necessidades. A realização da paixão criativa é uma experiência poderosa, é igualmente poderosa a sensação de fazer parte de uma comunidade que partilhe interesses e que aprecie quem somos e o que fazemos. A história está cheia de exemplos da força deste fenómeno. Por exemplo, na ciência e na arte, onde o dinheiro nunca foi uma motivação primária, todos os grandes feitos foram conseguidos graças a este poder: pertencer e ser uma pessoa reconhecida. O mesmo tipo de poder aplica-se ao contexto empresarial no seu melhor.

2. Uma Sociedade do Bem-Estar Criativa

À medida que a competição global se torna mais forte e a população envelhece, a manutenção do Estado Social requer uma reforma. Podemos-nos referir a esta reforma, como sendo a construção da versão 2.0 do Estado Social, e que garante o futuro da sociedade do bem-estar.

A filosofia inerente à ideia de Estado Social é a de que as pessoas têm igualdade de oportunidades para realizar o seu potencial e são protegidas contra as vicissitudes da vida. Isto inclui igual acesso à educação, formação, cuidados de saúde, etc. A ética

desta filosofia é a de que, em princípio, todos poderiam ter nascido em qualquer posição social e que cada infortúnio que alguém tenha é passível de acontecer a qualquer outra pessoa. Eticamente, o Estado Social baseia-se na fragilidade da vida, e na capacidade de nos identificarmos com o destino das outras pessoas, na capacidade de imaginar que as coisas poderiam simplesmente ter ocorrido de outra forma. Eu poderia estar na tua posição e tu poderias estar na minha. Chama-se a isto, preocupar-se com alguém. Uma sociedade justa, é justa independentemente das cartas apresentadas pelo destino. Numa sociedade justa, o destino não depende do número de estrelas sob as quais se nasceu, i.e., o *status* económico e social dos pais. Uma sociedade justa proporciona a todos oportunidades iguais na vida, excluindo portanto, circunstâncias acidentais.

Resumindo, o Estado Social baseia-se no preocupar-se com os outros e deve ser entendido à luz da justiça. Para sermos mais precisos, a justiça refere-se à igualdade de oportunidades, não a uma distribuição igual e mecânica dos benefícios. Se forem concedidas iguais oportunidades aos indivíduos, é apenas justo que o seu retorno dependa do seu nível de preparação relativamente ao trabalho. Justiça assim, encoraja toda a gente a atingir ou a querer cumprir as suas potencialidades.

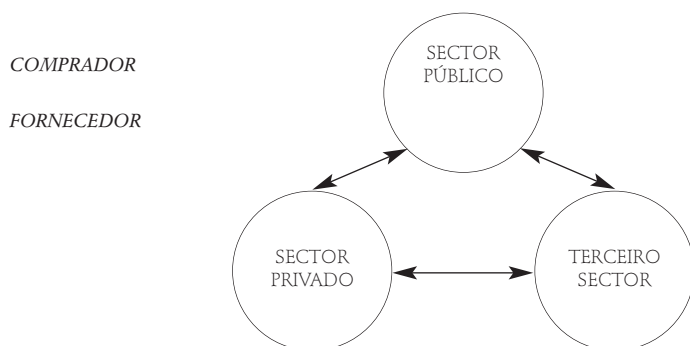
Relativamente ao conceito de Estado Social, o governo é responsável por garantir oportunidades iguais e protecção. Num Estado Social, esta tarefa é imputada ao governo, já que o governo representa os interesses públicos. Embora o governo não seja claramente capaz de cumprir com as suas obrigações, sem falhas, esta é a melhor alternativa porque não só é a única democraticamente controlada, como também protege os interesses de todos os cidadãos.

A legitimidade do direito de um governo para cobrar impostos é amplamente baseada na sua obrigação de manter o Estado Social: pagamos impostos ao Estado e esperamos que ele nos proporcione oportunidades iguais e protecção.

A Divisão Comprador-Fornecedor de Serviços numa Organização de Serviços Sociais

Temos que fazer uma distinção específica em relação ao conceito de Estado Social. A definição de Estado Social acima apresentada não significa que todos os serviços sociais devam ser prestados pelo sector público. O governo é responsável pela organização (financiamento) dos serviços sociais, mas estes podem ser prestados pelo sector público, sector empresarial e ONG's. Em algumas áreas, o governo deve também manter-se sempre como fornecedor de serviços. Mas em muitas áreas, é útil separar o comprador do fornecedor de serviços. Em alguns casos, os serviços podem ser prestados por outras entidades que não o sector público. Uma maior competição e cooperação entre fornecedores de serviços alternativos, é do interesse dos cidadãos (visto que garante que os seus impostos são utilizados de forma prudente). Daí que seja melhor o uso da expressão, «Sociedade do Bem-Estar» em vez de «Estado Social». Este é o primeiro passo no sentido de criar uma sociedade de bem-estar: em muitas áreas, o comprador e o fornecedor de serviços devem ser sistematicamente divididos na provisão dos serviços sociais. Se a responsabilidade do sector público se estender sempre dos serviços ordenantes para a sua prestação e avaliação, deixará de estar interessado em desenvolver serviços. A revisão do modelo do comprador-fornecedor é mostrada na figura 20.4.

Figura 20.4 O modelo do comprador-fornecedor



O Futuro da Sociedade de Bem-Estar Está na sua Criatividade

As fortes tendências globais, i.e., a competitividade crescente e o envelhecimento da população, aumentam as despesas sociais, particularmente na Europa, e o respectivo aumento de pressões no sentido de cortar estas despesas. Na realidade, as despesas sociais não podem ser cobertas, mesmo com um crescimento económico moderado.

Felizmente, existe outra alternativa, podemos aplicar o princípio fundamental da sociedade da informação ao Estado Social: a manutenção do Estado Social baseada no melhoramento da produtividade através da inovação. Isto não quer dizer que a produtividade pudesse ser aumentada através da pressão aos trabalhadores e da rapidez — de facto, isto seria mesmo impossível, visto que as pessoas já estão sobrecarregadas. Ao invés, significa que a produtividade é aumentada através da inovação, i.e., pela combinação da inovação tecnológica e de processos (organizações em rede). Note-se que isto não significa que a prestação de serviços seja feita exclusivamente através da Internet (embora o acesso a serviços por esse meio seja geralmente uma boa ideia); significa que os processos com os quais os serviços são prestados são reformados com a ajuda da nova tecnologia e de novos modelos de processos. Na prática, o aumento da produtividade através da inovação, requer que o sector público adopte uma cultura, de trabalho e de gestão, baseada no estilo de criatividade atrás descrito. As pessoas deveriam associar criatividade a expectativas positivas. Actualmente, o sistema não encoraja o melhoramento e a inovação é subestimada. Se um indivíduo ou grupo faz algo de uma forma inovadora e com isso melhora a sua produtividade, o orçamento do grupo sofre um corte e a carga de trabalho do indivíduo aumenta. Os empregados e entidades empregadoras têm de chegar a um consenso relativamente a um novo sistema, em que os ganhos atingidos através do melhoramento das operações, permanece dentro do grupo e pode ser reinvestido em desenvolvimentos futuros. A juntar a isto, a entidade empregadora tem de garantir que os trabalhadores beneficiem pessoalmente do tempo que pouparam devido à sua atitude inovadora. A oportunidade de seguir um ritmo de trabalho mais humano, e de ser capaz de equilibrar trabalho e vida familiar de uma forma mais satisfatória, é considerado um incentivo no contexto actual de *stress*. A tomada de consciência deste tipo de cultura de trabalho requer um acordo, entre o trabalhador e o empregador, que garanta a protecção do posto de trabalho, se e quando as operações se tornarem mais

eficientes (se o aumento da produtividade põe em risco o posto de trabalho, toda e qualquer expectativa positiva relacionada com a inovação, desvanecer-se-à). Os responsáveis têm de estar preparados para actuar como exemplos e abrir o caminho. Poderíamos introduzir um programa de formação específico para a gestão da sociedade do bem-estar, e convidar os gestores mais bem sucedidos, do sector público, a partilhar as suas ideias e experiências.

Devido ao facto de as pessoas terem tendência a considerar que as mudanças na sociedade da informação são de índole técnica, há que enfatizar que, de acordo com a investigação, a produtividade aumenta quando a inovação tecnológica e de processos se combinam. Isto não quer simplesmente dizer que a introdução de receitas médicas electrónicas no sistema de saúde, melhore consideravelmente a produtividade. Ao invés, os modelos de processos e de organização têm de ser avaliados no sentido de identificar formas de prestar serviços aos pacientes, de forma mais eficiente, em termos económicos e qualitativos. Experiências obtidas no contexto empresarial demonstraram que as inovações mais bem sucedidas dão-se quando o uso de serviços ou produtos em questão são capazes de participar no processo inovativo. É então óbvio que as redes de informação (tais como a Internet) conduzem a oportunidades de participação mais eficientes.

A Base: um sistema educacional inclusivo e de elevada qualidade

O sucesso da sociedade da informação e a existência de oportunidades iguais na sociedade do bem-estar são, eventualmente, baseadas num sistema de formação e educação inclusiva e de elevada qualidade. Na sociedade da informação, onde a aprendizagem ocorre durante o período de vida, as escolas não deveriam apenas distribuir informação, mas também criar uma autoconfiança e competências sociais, bem como ajudar os alunos a auto-realizarem-se identificando os seus talentos e paixões criativas. Além disto, o desafio associado à aprendizagem vitalícia na sociedade da informação, requer que as pessoas aprendam a aprender — e que se tornem capazes de identificar problemas, gerar ideias, ser autocríticos, resolver problemas e trabalhar com outras pessoas. A formação de professores devia ser mais atenta a estes assuntos.

O sucesso da educação, ao encontro destes objectivos é também o fundamento desta economia: especialmente para os países pequenos, o sucesso depende completamente da capacidade de levar o potencial da sua população ao máximo. Para que isto suceda, o sistema de educação e formação tem que ser de alta qualidade no país, por forma a que as oportunidades das crianças não dependam da região em que vivem, ou da escola particular que esperam.

Na sociedade da informação a informação é usada como «material cru», por isso, uma infra-estrutura de informação aberta torna-se um factor importante. O livre acesso à informação deve ser promovido de todas as formas possíveis: informação gerada através de fundos públicos deve ser tornada acessível aos cidadãos, de forma gratuita sempre que possível. Isto aplica-se a outras informações públicas, tal como o material histórico dos museus. A acessibilidade à informação e ao conhecimento ajuda a desenvolver competências associadas ao processamento da informação, enquanto que também pode ser usada como base de novas informações e inovações.

A inovação, em última instância, baseia-se no sistema de ensino superior. Se um país tem a pretensão de ser bem sucedido na competição global, é importante que as universidades e outros estabelecimentos de ensino superior recebam financiamento

adequado. É cada vez mais importante a junção de forças no sentido de financiar a ciência para que esta possa ser capaz de se impor no contexto da investigação internacional, nas áreas especificadas pelo governo. As unidades educacionais que operam nessas áreas têm de ser suficientemente grandes e devem também ter contactos internacionais. Os países pequenos, em particular, têm de proceder a uma escolha criteriosa das áreas nas quais se querem especializar, porque isso permitir-lhes-à desempenhar um papel importante na investigação e na economia num número limitado de áreas.

3. *Desenvolvimento Humano*

A sustentabilidade humana do rápido desenvolvimento global, tem-se tornado um tema crucial na sociedade da informação. O desenvolvimento da sociedade da informação pode presentemente ser caracterizado por uma difusão de «cultura da emergência» desde a economia aos postos de trabalho, e do sector público à vida das pessoas. A sociedade da informação pode também ser chamada sociedade de risco: a volatilidade tem aumentado nos mercados financeiros, as relações de trabalho têm-se tornado instáveis, o sector público faz pouco mais que reagir às crises, e os cidadãos estão constantemente com pressa. A importância da protecção assegurada pela sociedade de bem-estar, é enfatizada na sociedade da informação, onde todos os riscos são cada vez maiores.

Contudo, se queremos manter a sociedade do bem-estar, precisamos de novas formas de promover um desenvolvimento equilibrado na área social, mental, física e cultural. *Por exemplo, as tentativas recentes de manter os trabalhadores no posto de trabalho até uma idade mais avançada, não são realistas porque presentemente, poucas são as pessoas que querem lá permanecer até à idade legal da reforma, quanto mais, para além disso.* Se não for adoptado um modelo de desenvolvimento sustentável, outras acções provar-se-ão ineficazes e vice-versa: um modelo de desenvolvimento mais sustentável tem um efeito significativo na nossa capacidade de financiar a sociedade do bem-estar no futuro (a morbidez e as mortes prematuras têm um custo muito elevado, pois são força de trabalho perdida). O melhor sistema de saúde nacional é a prevenção da doença e de outros problemas relacionados com a saúde, i.e., a promoção da saúde. As secções seguintes dão especial enfoque à questão da promoção da saúde.

Equilíbrio Social

Uma nova cultura de trabalho criativo foi atrás descrita. Esta cultura é mais bem caracterizada pelas experiências energisantes da auto-realização e da sensação de pertença a uma comunidade que nos enriquece. As investigações têm mostrado que uma boa gestão e uma boa cultura de trabalho, são factores importantes à prevenção do cansaço. Os trabalhadores que estão satisfeitos com o seu emprego, sentem-se bem no seu local de trabalho, facto este que se reflecte na vida em geral. Então, podemos aumentar a sustentabilidade do desenvolvimento prestando mais atenção aos níveis de satisfação e bem-estar no emprego, por parte dos trabalhadores. Esta medida por si só não é suficiente; precisamos de um maior equilíbrio entre o trabalho e o lazer, visto que a cultura criativa não pode ser sustentada a longo prazo, se o trabalho não for equilibrado com os outros aspectos da vida social. Apesar disto, as actuais correntes estão a ir no sentido oposto: um número crescente de pessoas trabalha mais horas e durante um número maior de dias, o trabalho está a tornar-se numa crescente fonte de *stress* e as pessoas têm cada vez menos tempo para estar com a sua

família e amigos. Isto reflecte-se, por exemplo, nos problemas de saúde mental das crianças, que se estão a tornar cada vez mais comuns, porque os pais têm cada vez menos tempo para estar com a família; outra consequência é o número crescente de divórcios.

Pessoas que trabalham num estado constante de emergência, tendem a sentir-se esgotadas, resultando daí que não tenham energia suficiente para um tempo livre activo. Em muitos países, 1/5 dos trabalhadores sofre actualmente de exaustão. Um desenvolvimento do equilíbrio requer uma reforma da cultura do trabalho, e o encontro de uma forma bem definida de contra-balançar o trabalho com o tempo de lazer, de uma forma mais satisfatória. Temos de introduzir o princípio do razoável na nossa cultura; a nossa era é caracterizada por um número cada vez maior de requerimentos, em que os trabalhadores ficam com a impressão de que a sua contribuição nunca é adequada. Por isso, os princípios de gestão atrás descritos têm de ser completados com outros factores importantes: os responsáveis têm que traçar objectivos adequadamente ambiciosos, para que a sua realização possa criar a sensação de sucesso. Todavia estes objectivos têm de ser razoáveis, para que as pessoas possam atingi-los com alguma regularidade e retirar daí o devido prazer.

Estudos sobre esgotamentos têm demonstrado que as pessoas ficam exaustas se sentirem que nunca conseguem desempenhar bem o seu trabalho. No que diz respeito às medidas práticas, precisamos de modelos que consigam equilibrar de forma mais eficaz o trabalho e a vida familiar. É claro que a implementação de condições de trabalho flexíveis depende da natureza do trabalho, e deve ser sempre planeada num clima de cooperação entre o trabalhador e o empregador. Os trabalhadores e empregadores poderiam concordar com um *acordo de flexibilização das horas de trabalho* que cobrisse uma série de alternativas no sentido de ir de encontro às necessidades individuais dos trabalhadores. São exemplos deste tipo de solução:

- o trabalho de projecto. i.e. a especificação do trabalho em termos de resultados e horários. Assim o trabalhador em questão é livre de decidir onde e como (no escritório, em casa, etc.) irá trabalhar, no sentido de melhor conseguir alcançar os objectivos propostos.
- Um banco de tempo de trabalho, i.e. uma oportunidade de acumular horas num «banco» e de as usar quando necessário, tirando dias ou terminando o dia de trabalho mais cedo (por exemplo no caso de ser necessário o pai ou mãe ter de ficar com o filho/a). Este modelo pode ser futuramente desenvolvido, no sentido de os trabalhadores poderem encurtar as suas horas de trabalho, recebendo em consequência uma remuneração reduzida e adaptada à nova situação.

O que é importante nestas duas medidas é que o trabalhador possa tirar tempo do trabalho, cada vez que necessite de o fazer, e não apenas quando é conveniente para a empresa. É claro que em nome da reciprocidade, os trabalhadores têm de estar preparados a ajustar as suas horas de trabalho, cada vez que o empregador necessitar que isso aconteça (isto permite que não se perca a capacidade de resposta às flutuações do mercado, a quando da redução das horas de trabalho). Contudo, estas medidas não permitem apenas que os trabalhadores tenham mais tempo livre, ajudam também a aumentar a satisfação com o trabalho, visto que vários estudos já demonstraram que a satisfação com o trabalho depende largamente da percepção que o trabalhador tem,

da sua capacidade de influenciar o seu trabalho. Os efeitos práticos do acordo de trabalho irão, com certeza, depender das atitudes dos responsáveis e dos trabalhadores, relativamente a um novo acordo.

Equilíbrio Mental

Como foi dito atrás, muitas pessoas em muitos países, reformam-se muito antes da idade legal de reforma. Os problemas de saúde mental têm-se tornado numa das principais razões que levam à reforma antecipada. O desenvolvimento tornou-se mentalmente insustentável para muitas pessoas.

O *stress* contínuo manifesta-se, por exemplo, através de perturbações do sono, extremamente comuns nos quadros clínicos de perturbações mentais, nesta cultura emergente. O *stress* tem uma relação com várias doenças, tais como, doenças do estômago e do coração. As doenças provocadas pelo excesso de *stress* têm um custo muito elevado para a sociedade, já para não falar da dor que causa a nível humano. As soluções atrás apresentadas são aplicáveis a este problema.

No entanto, problemas mais sérios de saúde mental, tais como, a depressão e problemas de ansiedade, requerem que o sistema de saúde preste igual atenção à saúde física e psicológica.

Equilíbrio Físico

Numa sociedade de informação, as actividades físicas são substituídas por actividades virtuais (TV, Internet, jogos de vídeo, etc.). Algumas pessoas continuam com a sua rotina de actividade física, enquanto que outras a reduzem drasticamente. Temos que respeitar o estilo de vida que as pessoas optam por ter. A nível nacional e internacional, parece que a sociedade de informação não sofre de excesso de informação, mas sim de défice de actividade física (embora não se deva com isto subestimar a questão do excesso de informação)!

Globalmente 1/5 da população em idade activa, tem excesso de peso. A obesidade (e os hábitos de alimentação a ela associadas) é conhecida pela correlação que estabelece com as doenças cardiovasculares. Passamos cada vez mais tempo sentados, em posições incorrectas, a consumir informação. Embora o trabalho ligado à informação não seja fisicamente tão exigente quanto o trabalho industrial, provoca um *stress* diferente, através de posições de trabalho estáticas (o aumento do teletrabalho a partir de casa, tornou necessário que se desse uma especial importância à ergonomia não só nas empresas mas também nos lares. A situação é ainda agravada pelo hábito crescente de as pessoas passarem o seu tempo livre num mundo virtual estático (computador, televisão, jogos virtuais, etc.)

Na sociedade de informação, precisamos agora de acções que nos ajudem a melhorar a nossa saúde física e o nosso bem-estar, mas que não sejam paternalistas no que diz respeito à liberdade de as pessoas poderem escolher qual o estilo de vida que querem levar. Uma tal abordagem poderia repercutir-se numa campanha internacional em prol do exercício físico, que inspiraria as pessoas a identificarem e a adoptarem formas de exercício físico que se ajustem às suas necessidades e que lhes dêem prazer. O ponto mais importante, é que as famílias possam ajudar as crianças a identificar a sua forma preferida de fazer exercício físico, e que as escolas possam proporcionar experiências positivas relativamente ao desporto, aumentando assim a vontade das crianças em adoptar uma rotina de actividade física no seu tempo livre. Esta campanha deve ser estendida aos locais de trabalho, se pretender chegar à população adulta e poderia ser implementada nos

locais de trabalho, por exemplo, para que os trabalhadores pudessem desempenhar actividades físicas durante o seu dia de trabalho (isto seria possível com os acordos de flexibilidade do horário de trabalho). Outras abordagens devem também ser aplicadas. Ídolos do desporto poderiam fazer campanha pelo exercício físico, falando das suas vantagens em programas de televisão, sendo que formas menos tradicionais de actividade física também devem ser dadas a conhecer. Aqui estão alguns exemplos de desportos:

- Corrida, natação, ténis e futebol.
- Yoga, método Putkisto, etc.
- Ginásio, aeróbica.
- Estilo de vida fisicamente activo (ir a pé de e para o emprego, usar as escadas em vez dos elevadores, etc.).
- Dança.
- Ir dar um passeio a pé com os amigos.
- Actividades ao ar livre.
- Passeios culturais.

Fazer mais exercício físico teria efeitos consideravelmente mais positivos, não só na saúde dos que o praticam mas também nas despesas da sociedade. Este desenvolvimento poderia ser promovido através de incentivos económicos ao exercício, por exemplo, através da atribuição do direito de usufruir de infra-estruturas públicas ligadas ao desporto (piscinas municipais por exemplo) a custo zero, mediante algumas condições. As pessoas poderiam também ter benefícios fiscais em determinadas despesas associadas ao desporto. Este é o princípio segundo o qual «o exercício físico compensa», visto que investimentos feitos nesta área hoje em dia, podem poupar muito dinheiro no futuro. As facilidades dadas pela sociedade da informação, por exemplo a Internet, pode ser usada para veicular programas de perda de peso e de exercício físico e para uma marcação centralizada de serviços ligados ao desporto.

Este tipo de sociedade de criatividade equilibrada poderia melhorar a qualidade de vida das pessoas (através de uma crescente satisfação face ao trabalho e da obtenção de um maior equilíbrio entre o trabalho e outras áreas da vida), o que aumentaria a produtividade do trabalho (visto que as empresas estariam em melhores condições de fazer face às flutuações do mercado, e os trabalhadores seriam mais energéticos e atingiriam melhores resultados), e garantir a manutenção do bem-estar da sociedade.

Equilíbrio Cultural

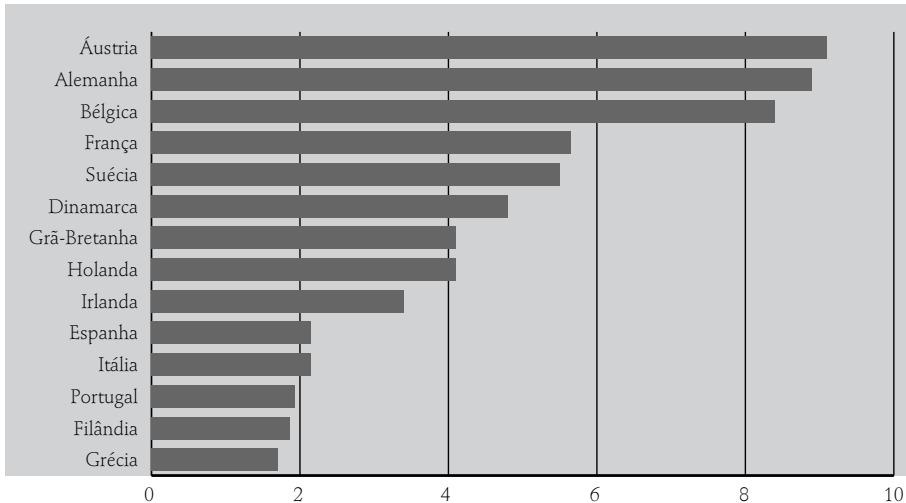
Finalmente, deve ser especificamente notado que o equilíbrio cultural no desenvolvimento também requer uma auto-realização fora do local de trabalho. A sublinhar esta ideia está uma abordagem activa à vida, que não é apenas preenchida no sector privado (empreendedorismo), mas também no sector público (capacidade de inovação) e ONG's (arte, *hobbies*, etc.).

A cultura e o bem-estar devem ser percebidos como valores intrínsecos, não apenas como instrumentos económicos. Isto quer dizer que também temos de promover as formas de cultura que comercialmente não são lucrativas. Aliás, a componente comercial deve ser vista como um instrumento, que deve apenas ser utilizado em campos onde beneficie a vida, i.e., a realização de valores intrínsecos.

5. Uma Cultura Global

No desenvolvimento global, temos de progredir no sentido do desenvolvimento conjunto e que é sustentável à escala global. Isto requer uma maior abertura de espírito de todas as nações. A manutenção da nossa cultura criativa também requer uma cultura de mente mais aberta. Deste modo justificações éticas e económicas apontam no mesmo sentido. Primeiramente, temos de considerar necessário o desenvolvimento de oportunidades iguais para todos.

Figura 20.5 Proporção de população estrangeira em diferentes países em 2000 (%)



De uma cultura de porteiro a uma abordagem de boas-vindas

Como já foi descrito, a população de muitos países está a envelhecer tão rapidamente que em 2010 começar-se-à a assistir-se à redução da população, caso não serepense a emigração. A emigração é a única forma de melhorar o rácio de dependência, i.e. o rácio entre o número de pessoas empregadas e pessoas dependentes (reformados). As empresas também precisarão de trabalhadores estrangeiros quando a oferta nacional decrescer. Na prática, se queremos fazer face a estes desafios, precisamos de coragem política no sentido de aumentar significativamente o número de imigrantes (incluindo mão-de-obra barata e especializada).

A Internacionalização do Ensino Superior

Uma das melhores formas de integrar os imigrantes na sociedade, é promovermos a vinda de estudantes estrangeiros. Os estudantes têm condições privilegiadas para estabelecer contactos pessoais durante os seus estudos e muitas vezes aprendem a língua mais depressa que as outras pessoas. Ambos estes factores ajudam a ter uma sensação de pertença à nova cultura. Seria de considerar, a hipótese de oferecer a estudantes estrangeiros o direito a trabalhar, imediatamente a seguir a acabarem os seus cursos. A burocracia deve ser minimizada. No entanto a internacionalização deve ser vista como uma espada de dois gumes. Também podemos beneficiar do saber global, através do estímulo dado aos estudantes nacionais, no sentido de ingressarem em programas de

intercâmbio. O mesmo se aplica a investigadores universitários. As universidades devem fazer um esforço sério no sentido de recrutar investigadores do mercado mundial. Idealmente, deveríamos ter como professores universitários os melhores investigadores internacionais. Todavia, e tal como os estudantes, este também é um caminho com duas vias. A ciência também pode ser globalizada através da participação dos nossos investigadores, em actividades internacionais. Daí que seria muito lucrativa a atribuição de mais fundos à investigação que é levada a cabo no estrangeiro, para participação em conferências internacionais, etc., já que este é uma forma eficaz de obter saber técnico e especializado internacional. As redes de cooperação internacionais que são estabelecidas desta forma, irão no futuro atrair mais investigadores conceituados ao país. Estudos e investigações relacionados com a imigração, levadas a cabo no contexto internacional, devem ser consideradas como estratégias complementares e necessárias.

Atrair Mão-de-Obra Especializada

As empresas globais precisam de chefes de equipa cada vez mais especializados, e que tenham experiência internacional. A procura de especialistas ultrapassa a oferta nacional, portanto restam duas alternativas: as empresas podem abrir filiais no estrangeiro ou recrutar mão-de-obra de países estrangeiros. Outro desafio para estas empresas é o de manter os especialistas já existentes, dentro do país. Em determinadas condições, as empresas podem beneficiar da internacionalização dos seus trabalhadores, se e quando voltarem. *No entanto se o número de técnicos a sair do país exceder o número dos que entram, então o desenvolvimento é insustentável.* A implementação de impostos mais razoáveis, tal como foi discutido anteriormente, é um factor-chave que ajudaria à prevenção de grandes fluxos de saída por parte dos técnicos especializados e estimularia a vinda de técnicos de outros países. Os impostos devem promover o trabalho criativo. No entanto o estudo levado a cabo por Richard Florida, mostrou que o chamariz de uma região, é também uma abertura de espírito numa cultura de criatividade. Os técnicos especializados sentem-se atraídos por contextos multiculturais, que são reconhecidos pela sua abertura relativamente a diversas ideias e diferentes pessoas, i.e. pela sua motivação criativa (Florida 2002). Para dar um exemplo, 1/3 dos engenheiros que trabalham em Silicon Valley, ou na área de San Francisco Bay, adoptaram uma abordagem de espírito aberto à criatividade no que diz respeito à tecnologia e a diferentes estilos de vida (e.g. esta área viu nascer o movimento *hippie*, o movimento *gay* e várias filosofias orientais no ocidente). Florida sublinha que a competição por técnicos criativos é cada vez mais baseada na variedade cultural e no espírito aberto da região: isto inclui restaurantes ecléticos, muita cultura de rua, casas de concerto, pequenas galerias, novos grupos de dança e teatro e outras oportunidades multifacetadas de exercício e lazer, impulsionadas pelas autoridades. O facto mais importante é que a região é caracterizada por um valor geral de liberdade, que se estende da liberdade de expressão à liberdade de ir a um qualquer restaurante, à permissividade cultural e sexual.

Reciprocidade Global

Esta análise baseia-se no princípio de que a globalização tem de ser recíproca. Por isso o objectivo das propostas feitas aqui, tais como a necessidade de aumentar a imigração, não serve apenas para proteger os interesses individuais dos países. Inerente às propostas existe uma ideologia mais extensiva: desenvolvimento sustentável e de preocupação para com os outros. Foi calculado que a possibilidade dos cidadãos dos

países em desenvolvimento, obterem autorizações de trabalho, por um período de tempo curto ou longo, e independentemente do tipo de trabalho que lhes foi garantido, seria uma das formas mais importantes de melhorar a situação dos países em desenvolvimento.

Aumentaria a entrada de receitas anuais em cerca de 200 mil milhões de dólares, i.e., quatro vezes o valor da ajuda para o desenvolvimento. Isto seria estruturalmente muito importante porque transferiria não apenas dinheiro mas também saber técnico e negócio dos países desenvolvidos para os países em vias de desenvolvimento. Anna-Lee Saxenian mostrou que a fuga de cérebros entre Silicon Valley e a Ásia, foi substituída pela «circulação de cérebros»: os técnicos especializados chineses e indianos que trabalhavam em Silicon Valley, estão agora a regressar ao seu país de origem, onde estão a abrir as suas próprias empresas e a estabelecer redes de contactos com outras empresas nacionais e os melhores especialistas em campo (Saxenian 2004). Não é ético esperar que bens e capitais circulem livremente, quando o mesmo não acontece com os trabalhadores. Os direitos do capital têm de ser complementados com os direitos das pessoas. A situação actual é incómoda, como se disséssemos aos bens «a liberdade é o vosso direito fundamental. Nasceram livres!» E depois disséssemos às pessoas «mas tu não».

No que diz respeito à nova divisão global do trabalho, devemos ter em conta que a transferência parcial da rotina do trabalho para países mais pobres, possibilita que se possam erguer da pobreza. Não devemos, por princípio, opor-nos a esta transferência. Temos de facto que considerar que a globalização é um processo recíproco, do qual se pode beneficiar, mas ao qual temos de dar alguma coisa em retorno. Um outro factor crítico que melhoraria o posicionamento dos países desenvolvidos, é o comércio livre, que deve ser justo em ambas as direcções. Isto poderia ser chamado um acordo *quid pro quo*: por exemplo, beneficiaria o crescimento do sector das TI, nos países desenvolvidos e em vias de desenvolvimento, se os países desenvolvidos abrissem ainda mais os seus mercados. No entanto, isto requer reciprocidade numa base *quid pro quo*: é imoral esperar que os países em vias de desenvolvimento tenham de desregularizar o seu comércio, enquanto os países desenvolvidos protegem os seus, de produtos oriundos dos países em vias de desenvolvimento. A situação pode ser comparada a uma relação em que uma pessoa sugere «uma relação sexual aberta» ao seu parceiro e acrescenta «isto quer dizer que eu posso ter sexo com quem quiser, mas tu não!». Os países desenvolvidos impedem o comércio livre nos produtos têxteis e agrícolas, que representam dois terços da exportação dos países em vias de desenvolvimento. Foi calculado que o comércio justo de produtos agrícolas traria 120 mil milhões de dólares aos países em vias de desenvolvimento, i.e., mais de duas vezes o valor da ajuda ao desenvolvimento que actualmente recebem. Isto seria uma mudança extremamente importante, e para melhor, porque tornaria possível aos países em vias de desenvolvimento melhorarem a sua situação através das suas próprias operações económicas. Logo, é fundamental que os subsídios à agricultura nos países desenvolvidos, sejam abolidos (de uma forma que justifique mudança para os agricultores e outros trabalhadores agrícolas nos países desenvolvidos). Isto retiraria da equação um factor estrutural importante, que mantém os países em vias de desenvolvimento numa situação desfavorável na economia global. *Quid pro quo*. O mínimo que deveríamos fazer — apesar do seu grande valor simbólico — seria honrarmos os compromissos feitos pelos países ricos relativamente à ajuda ao desenvolvimento. Os países ricos comprometeram-se com o objectivo das Nações Unidas, segundo o qual a ajuda dada

ao desenvolvimento pelos países desenvolvidos deveria ser de, pelo menos, 0,7% do seu PIB. Actualmente, a média situa-se no campo dos 0,23%. Se os países desenvolvidos mantivessem as suas promessas, os países em vias de desenvolvimento receberiam quase duas vezes mais da ajuda que recebem actualmente e que está na casa dos 50 mil milhões de dólares. A situação actual é vergonhosa. Os países ricos têm de honrar os seus compromissos e têm também de usar a ajuda ao desenvolvimento no sentido de promover uma transferência mais livre de informação (incluindo a tecnologia *open source*). A ajuda ao desenvolvimento pode ser comparada com uma simples pergunta: «considerarias usar 0,7% do teu tempo a cuidar de outras pessoas?».

A combinação da justiça social com a sociedade da informação, tem um papel importante a desempenhar no desenvolvimento de uma forma de globalização mais sustentável. O modelo apresentado, que combina a dinâmica da sociedade da informação com o Estado Social Criativo, pretende ser um contributo para uma abordagem critica para a evolução das sociedades europeias.